

JULIO DE CASTILHO

A

R

IBEIRA DE LISBOA

DESCRIPÇÃO HISTORICA

DA

MARGEM DO TEJO

DESDE A MADRE-DE-DEUS ATÉ SANTOS-O-VELHO



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

M DCCC XCIII

Depois, aparece chronologicamente a *Comedia do Vairo*, representada em 1514; não se pôde, porém, afirmar que o fosse n'este paço, mas é bem possível.

Em 7 de Setembro de 1515 nasceu o Infante D. Duarte, filho d'el-Rei D. Manuel, e de sua segunda mulher a Rainha D. Maria¹.

Aqui recebeu em 1516 o Infantinho D. Affonso, com sete annos apenas, o barrete cardinalicio da parte do Santo Padre Leão X. Trouxe-lh'o de Roma D. Manuel de Noronha da Camara, Bispo de Lamego².

Do anno 1517 depara-se-me uma boa e divertida recordação.

Se eu podesse alargar-me, transcrevia aqui um chistoso capítulo da *Chronica d'el-Rei D. Manuel* por Damião de Goes³, onde este peregrino historiador (cujo bello retrato me está agora, entre outros, olhando de uma parede do meu escriptorio) conta um duello façanholoso, presenciado no paço que estudâmos. É um trecho pitoresco, onde a erudição litteraria corre parelhas com a mais infantil ingenuidade. Vou extractal-o; e quem quizer saborear o quadro inteiro, recorra á *Chronica*.

Já o titulo do capitulo vale um milhão!

«De como el-Rei quiz ver per experientia o que os scriptores antigos screvem do odio natural que á antre os Elephantes e os Rhinocerotas, pera ho que mandou em Lisboa meter estas duas espantosas alimarias em hum terreiro cerrado, e do que cada huma dellas fez.»

Sim; desejo el-Rei, n'alguma hora ociosa, de averiguar por seus olhos o que affirmavam naturalistas, e que ao douto Virey parece fabula (vá dito de passagem) do odio inconciliavel entre rhinocerontes e elephantes, planeou uma justa *sui generis*, como diversão á Corte, e (quem sabe?) como distracção á Rainha, que

¹ Goes—*Chron. de D. Manuel*, parte iii, cap. lxxviii. André de Resende—*Vida do Inf. D. Duarte*, cap. ii.

² Id., *ibid*, parte ii, cap. xlvi.

³ Parte iv, cap. xviii.

definhava a olhos vista, minada de um mal que lhe ficara desde o nascimento do ultimo filho.

É preciso que se saiba (e aqui entra mais esta feição para o retrato do paço), que em frente da antiga Casa da India se espalhava um terreiro, ou pateo, de que lá em cima falei, cerrado de alta parede ameiada, com janellas de grades de ferro. N'esse pateo corria de banda a banda um passadiço, communicando os aposentos da Rainha com os de seu marido, passadiço feito de panos de Arraz pendentes, e (segundo se vê) obra ainda provisoria.

Eis ahí o theatro da scena desusada, que veiu alvoroçar alegremente os cortezãos de servico, e encheu de cavalleiros, e damas da Rainha, as janellas e os cirados.

N'alguma loja do paço dos Estáos, ao Rocio, poisaava um elephante d'el-Rei; era bicho ainda novo e cheio de fogo, trazido de Africa, ou de Goa, a bordo de algum galeão. Mandou-se buscar aos Estáos, e atravessou a Cidade, com grande gaudio dos burguezes, bamboleando no dorso o seu cornaca indiano, a cuja voz costumava obedecer. Tambem havia um rhinoceronte; e quanta casta de animaes curiosos não teríamos que admirar n'este empório oriental chamado Lisboa! (De dois leões me lembro eu, que em Março de 1498 existiam n'uma jaula do paço do Castello, e aos quaes o Monarcha, por uma carta especial, manda pagar seiscientos reaes cada mez para mantimento¹). O rhinoceronte, levado de ante-mão á Casa da India, já tinha sido mettido no pateo, e escondido atraz dos panos de armaz, ferropeado como andava sempre, e à trela de outro Indio, que elle muito bem reconhecia, e que o tratava e lhe dava de comer.

Lavra em todos os espectadores anciedade, que se expande nas animadas conversações. O Colliseu de Roma, em tarde de pugna de gladiadores ou leões, nunca viu mais impaciencias nem mais nervosos commentarios.

E havia motivo para isso. É de si o rhinoceronte um desherdado, que, nada devendo á Natureza pelo lado da formosura,

¹ Torre do Tombo — *Chancelleria de D. Manuel*, liv. 32, fl. 30.

ostenta no seu aspecto suino, no grotesco da sua estatura, no acanhado das pernas, na coiraça mais que rude que o defende, e na desconfiada mysanthropia do olhar, não sei que ares repulsivos, que a final de contas não dizem com a sua indole pacifica, se bem que silvestre e retrahida. Não o atormentem, e nunca fará mal.

Quanto ao elephante (ou *aliphão*, como tambem escreviam) quem se não recorda d'aquelle seu olhar perspicaz, e do seu ar inoffensivo? Quem não sabe que é elle o mais intelligente dos quadrupedes, o rival do cavallo e do cão? Quem se não tem deliciado com as historias prodigiosas de que é assumpto no mundo inteiro? A Lisboa manuelina podia, só á sua parte, fornecer-nos de muitos casos.

Chegou o elephante. Houve um rebolico geral, e todos os olhos se fitaram na porta por onde havia de entrar. Abriu-se; penetrou a bisarma. Approxima-se o momento solemne! Tornou-se a fechar, e ficaram no mesmo recinto os dois athlets.

Deu ordem el-Rei para que se levantassem os panos do passadiço. Fez-se profundo silencio.

O rhinoceronte, dotado como é de ouvido finissimo, e faro não menor, maliciou novidade; olhou; avistou o outro animal; teve um abalo de furia; quiz atirar-se-lhe; e no menear do corpanzil, e no assoprar, e no sacudir e estrallar das orelhas, e no empuchar a cadeia com que o prendia o guardador, parecia expandir todos os seus rancores. Soltou-lhe o guardador um pedaço mais da cadeia; e elle lá vae, com o seu avançar de javali, elle lá vae, de focinho baixo, olhos torvos, elle lá vae, aos grunhidos, de encontro ao elephante.

Este, que se achava acaso de costas para elle (*de anca revolta*, como diz Goes), revirou-se n'um prompto ao farejar a fera; alçou a tromba; e soltando urros de cavallo, dava todas as mostras do maior desassocego. O cornaca segurava-se no castello, a muito custo, porque as upas eram mais asperas que as de caravella no mar das Indias. O bicho tentou ir-se de arremettida ao inimigo; mas, ou pela inexperiencia da pouca edade, ou por prudencia de sabido, fez volta sobre si, e correndo desvairado para uma janella de grades, metteu por ellas a cabeça com vehemencia tamanha, que

logo torceu dois varões de ferro, atirou ao chão o Indio estatelado, e teve artes de enfiar o corpo inteiro pela abertura assim patente, galgar á praia, correr ao terreiro, e levar-se n'um impeto de fogo até á sua estrebaria dos Estáios. O medo põe azas.

O rhinoceronte, esse aguçava o grunhido suino, que tanto sabe aterrar os elephantes, e é o signal do maior furor d'elle; rasgava a terra com a arma anavalhada do focinho, e alcava a ignobil cabeça, quasi celebrando na sua algaravia de besta fera aquella rapida victoria.

A Côrte ria, e applaudia.

E pelas ruas! pelas ruas foi um alvoroto indescriptivel, quando os transeuntes viram passar de carreira o elephante, doido de susto, alheio a tudo, desattento a vozes, correndo sem se saber d'oncde, nem para onde! Elle é que o sabia, e muito bem: buscava a sua poisada o manço e intelligente animal, que no seu intimo não tinha odios nem a gente nem a rhinocerontes, e nunca em sua vida poderia vir a perceber aquelle capricho, semi-pagão, semi-silvestre, do seu polidissimo senhor; capricho proprio da sanguinaria Roma velha.

Aquelle mesmo rhinoceronte, diz Damião de Goes que o mandou el-Rei D. Manuel, d'ahi a oito mezes, de presente ao Santo Padre Leão X. Embarcaram-n-o a bordo de uma nau, de que fa por capitão João de Pina, Cavalleiro da Casa, encarregado não menos de levar ao Pontifice uma rica baixella de prata doirada. Foi a embarcação até Marselha, onde se achava acaso el-Rei de França Francisco I.

Ver um rhinoceronte vivo é appetitoso, até para um Rei de França. A rogo d'este Príncipe, mandou João de Pina desembarcar o bruto; viu-o o Soberano, e viu-o a Côrte. Em troca de um magnifico ginete ricamente ajaezado, que lhe offereceu o Portuguez, mandou-lhe o Rei de presente cinco mil escudos de oiro.

Ao approximar-se das costas de Genova a nau de João de Pina, sobreveiu uma tormenta brava que a afundou. Tudo se perdeu. O rhinoceronte veiu dar morto á praia. Foi empalhado, e ainda assim levado ao Santo Padre.

Em presença d'este testemunho coevo e irrecusavel de Damião de Goes, fica prejudicado o que escreveu Philippe de Caverel, secretario, em 1582, de uma embaixada dos Estados de Artois a Lisboa. Conta elle que em certo dia foi ver um rhinoceronte que em Lisboa se mostrava, e que lhe parecia dever ser o mesmo que el-Rei D. Manuel em 1517¹ fizera brigar com um elephante. *Car il peut estre que ce soit le mesme, qui demeura lors victorieux de l'éléphant.*² Podia ser, porque esses animaes vivem muito; mas não era.

¹ O autor diz, por engano, 1513.

² Isto vem, com alguns outros extractos da relação da mesma embaixada, no *Boletim de bibliographia* redigido pelo snr. Annibal Fernandes Thomaz, n.^o 10.

